

Versión digital en :

<http://www.uam.es/mikel.asensio>

A pílula que salva: Santo Antonio de Sant'Anna Galvão e cultura material ²⁸

Bianca Gonçalves de Souza

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Resumo: Santo Antonio de Sant'Anna Galvão (1739-1822, paulista de Guaratinguetá/SP) ou, simplesmente, Frei Galvão, foi o primeiro brasileiro oficialmente canonizado pelo Vaticano, no ano de 2007. Contando com uma celebração eucarística, o frei foi canonizado em São Paulo/SP, lugar em que viveu e faleceu. O trabalho é fruto da tese de doutorado em História Social, defendida em 2009 (PUC/SP), na qual se examinou a construção do processo histórico que levou à canonização desse brasileiro. Juntamente com a análise de fontes jornalísticas e documentais, viu-se como a cultura material foi preponderante para a edificação da santidade de Antonio Galvão de França (nome de batismo do santo). Ele inventou uma pílula de papel, no século XVIII, para curar um mal de saúde, a qual se tornou o principal objeto relacionado ao frei. A pílula popularizou-se e é hoje distribuída aos milhares em alguns pontos estabelecidos no Brasil. Por meio dela, ao longo dos séculos, identifica-se a história social desse objeto, seu caráter biográfico, sua importância para a cultura material e para a manutenção da fé e devoção das pessoas. Conhecer a biografia da pílula de Frei Galvão leva à compreensão da relação entre materialidade, fé, devoção e documento.

Palavras-chave: pílula de frei Galvão; fé; biografia de objeto; cultural material.

28 Comunicação oral. Linha de investigação: museologia/cultura material.

Abstract: *Santo Antonio de Sant'Anna Galvão (1739-1822, He was Born at Guaratinguetá/SP/Brazil), or simply, friar Galvão, was the first Brazilian officially canonized by Vatican, in 2007. For this there was an Eucharistic celebration, and the friar was canonized at São Paulo/SP/Brazil, where friar Galvão was lived and died. This article is fruit of my Doctorate thesis, defended in Social History area, in 2009 (at PUC/SP), and the thesis examined the construction of historical process which ended up in the canonization of this Brazilian man. Together with this analysis of documental and journalistic sources, I could see how material culture was important to construct the sanctity of Antonio Galvão de França (this is his Baptism's name). He invented a paper's pill, during XVIII century, to cure a disease; for this reason, the pill became the most important object related to the friar. The pill became popular too and nowadays it is distributed in large scale, but in determinate places situated in Brazil. For this creation, and during the centuries, it is possible to identify the social history of this object, its biographical character, its relevance to material culture, and to maintenance of faith, and to the devotion of people. Knowing the biography of the friar Galvão's pill goes on in the direction to comprehend the relation among materiality, faith, devotion and document.*

Key words: *friar Galvão's pill; faith; biography of object; material culture.*

Introdução

Santo Antonio de Sant'Anna Galvão, ou simplesmente, frei Galvão, foi um padre franciscano alcantarino, nascido no município de Guaratinguetá/SP, no ano de 1739²⁹. Desde muito jovem, demonstrou interesse pela vida religiosa, vindo a adentrar em uma ordem religiosa, os jesuítas. Depois, por motivação de forças políticas e contextuais, os jesuítas foram expulsos do país e frei Galvão tornou-se um franciscano, dedicando sua vida à religião e ao sacerdócio, especialmente onde viveu, em São Paulo. Ali também, construiu o Mosteiro da Luz (finalizado em 1774), abrigo para as freiras concepcionistas, prédio hoje tombado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [MAGALHÃES, 2006]) pelo seu valor histórico e pela arquitetura. Frei Galvão faleceu em São Paulo, no ano de 1822, e jaz dentro da capela do citado mosteiro, lugar de visitação e peregrinação de seus devotos.

29 Há vários trabalhos que contam a vida de frei Galvão, tais como os de Maia (2007), Back (2007), Santos (2007), Congregatio (1993).

Em 25 de outubro de 1998 tornou-se beato, título a ele dado pelo então papa João Paulo II; em 11 de maio de 2007, tornou-se santo, após um processo de canonização, e essa data foi marcada por uma missa solene realizada pelo papa Bento XVI. A celebração aconteceu na capital paulista, contando com um público superior a um milhão de participantes. Frei Galvão tornou-se nesse dia o primeiro brasileiro canonizado pelo Vaticano.

No entanto, para se tornar santo, o candidato à santidade precisa constituir uma história e uma memória que avalizem esse título. Milagres e graças, obras, sobrenaturais, exercício de dons sobre-humanos, etc, são algumas das manifestações que podem ser identificadas nos santos e santas católicos. Frei Galvão, dentre as memórias que se constituíram ao redor desse indivíduo, tem como principal referência um objeto, uma pílula feita em papel; nela, em letras minúsculas, vem escrita uma jaculatória em latim (“Post partum, Virgo Inviolata permanisisti: Dei genitrix intercede pro nobis”³⁰). As pílulas de frei Galvão são o principal documento da existência e trajetória do frei, bem como são também o patrimônio material mais relevante e relacionado ao santo e são um objeto que remete à fé e à crença em milagres por ele operados.

O presente artigo pretende demonstrar como essas pílulas de papel, objetos de devoção e de fé, auxiliaram na construção da memória de frei Galvão, bem como são hoje um elemento de identidade com o santo, com a fé católica e com as práticas religiosas relacionadas.

As pílulas

Certo dia, Frei Galvão foi procurado por um senhor muito aflito, porque sua mulher estava em trabalho de parto e em perigo de perder a vida. Frei Galvão escreveu em três papelinhos o versículo do Ofício da Santíssima Virgem (o mesmo mencionado anteriormente). Deu-os ao homem, que por sua vez levou-os à esposa. Apenas a mulher ingeriu os papelinhos que Frei Galvão enrolara como uma pílula, a criança nasceu normalmente.

Caso idêntico deu-se com um jovem que se estorcia com dores provocadas por cálculos visicais. Frei Galvão fez outras pílulas semelhantes e deu-as ao moço. Após ingerir os papelinhos, o jovem expeliu os cálculos e ficou curado.

30 Após o parto, ó Virgem, permanecestes Inviolada: Mãe de Deus, orai por nós.

Esta foi a origem dos milagrosos papelinhos, que, desde então, foram muito procurados pelos devotos de Frei Galvão, até hoje o Mosteiro fornece para as pessoas que têm fé na intercessão do Servo de Deus. (SANTOS, 2007, p. 69).

O que se manteve ao longo do tempo é que duas pessoas, ao menos, foram socorridas pelo mesmo instrumento, as pílulas de papel. E esse é um objeto inextrincável da análise para melhor compreender quem foi Antonio Galvão de França. Mais do que isso, o próprio frei continua vivo de certa forma através das pílulas, pois a ideia delas, a concepção das mesmas partiu dele, e esse gesto o eternizou como sendo o criador das pílulas do Mosteiro da Luz.

A história de frei Galvão e seu patrimônio, portanto, é resultado de um fazer social, que revela uma abordagem específica, qual seja, a de que ele era um homem santo, especial, diferente, milagreiro, extraordinário. Outras abordagens, provavelmente, não foram mantidas ou porque o fazer social não permitiu, nas disputas e lutas que se deram no tempo, ou porque o próprio esquecimento se encarregou de apagar, sufocar, extinguir. Na costura dessa memória historicizada e na manutenção de um patrimônio, participaram fortemente essas narrativas da família, da Igreja, de devotos. São eles os indivíduos que compõem os sujeitos sociais que dizem quem foi Antonio Galvão de França, e são eles também que, movidos por seus interesses e intenções, por ventura, retiraram da cena os elementos que não julgaram procedentes de compor esse cenário.

O patrimônio é composto tanto em parte por uma cultura material, como dele podem participar elementos de uma cultura imaterial, como as narrativas. Mas essas também se tornam materiais, quando são registradas e documentadas nos livros, nos quadros, nos testemunhos escritos. Os quadros da casa de frei Galvão, em Guaratinguetá, por exemplo, querem ser documentos aos olhos do visitante, que provam a veracidade da santidade, da vida e da trajetória do frei. Mas, para a história, não pode ser assim. Enquanto memória e como patrimônio material que o são, esses quadros revelam intenções, quais sejam, de formar uma compreensão do visitante sobre o frei. E a história que lá é vista nos quadros e objetos é especialmente uma história cotidiana, seja dele mesmo ou de sua família, dos milagres que realizou, dos locais por onde passou, dos feitos que praticou em vida. O patrimônio relativo a frei Galvão adquire relevância em face da História pela cultura que abarca, pelas relações sociais que estão por trás dele, pelas memórias que compõem esse patrimônio. Memória essa que implica em identidades, em uma religiosidade, em uma fé comum. Tudo isso faz com que o patrimônio ligado à figura do primeiro santo brasileiro seja relevante para seus devotos, para a Igreja Católica, para a família e para segmentos da sociedade em geral que, por motivações diversas, se identificam com as histórias que esse patrimônio possa contar.

Como mencionado anteriormente, foi diante de uma situação de emergência que as pílulas foram criadas pelo frei: não podendo atender a um doente e a uma parturiente, escreveu a oração, enrolou o papelzinho e pediu que dessem aos convalescentes e os fizessem tomar, como um comprimido.

O primeiro fator preponderante aqui é a associação, desde a origem das mesmas, conforme conta a tradição, do uso da pílula a casos de partos, gravidez, nascimentos prematuros. A pílula ajudou a construir uma imagem de um frei devotado às mães e aos filhos. Outros elementos também podem ter contribuído para isso, como a devoção que Antonio Galvão de França nutria por Santa Ana, mãe de Maria.

Desse momento já se depreende que a figura de frei Galvão, desde quando vivo, foi associada às pílulas. Hoje mais fortemente e tornaram-se indissociáveis, frei Galvão e as pílulas de papel. E, nesse sentido, um legitima a validade do outro: frei Galvão foi quem as criou, e elas são a prova da santidade, da capacidade que ele tinha de curar e salvar pessoas. A pílula, por conseguinte, mais do que um pedaço de papel, é uma extensão viva da história de Antonio Galvão de França.

Nesse sentido, criou-se uma tradição, ou seja, originou-se um conjunto de práticas subsequentes, executadas e/ou vividas, as quais consolidaram a fama de tais pedaços de papel como sendo um socorro em situações como essas. Vale lembrar que, então, atrelado à pílula se filia uma tradição.

Para Hobsbawm (apud HOBBSAWM; RANGER, 2002, p. 9), por tradição inventada:

Entende um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com o passado histórico apropriado.

Uma tradição, para o autor, é sempre inventada, implicando em práticas que repetem uma determinada situação, mantendo relação com um passado; nesse sentido, ela se pretende mostrar invariável, bem como apresenta sua própria ritualidade, exigindo uma formalização. A pílula auxilia na constituição de uma tradição; com ela surge uma prática absorvida pelos fiéis de que, obedecendo a uma novena (ritualização), a qual é rezada por nove dias, e durante a qual, no primeiro, quinto e nono dias, se toma uma pílula. A novena é recebida na casa onde o frei nasceu, em Guaratiguetá, no Mosteiro da Luz, em São Paulo, e também na igreja de Santo Antonio, em Guaratinguetá, onde o frei fora batizado e é feita nesses municípios também.

A tradição de tomar a pílula, por conseguinte, revela que, em obediência ao rito, há que se tomar as pílulas feitas em locais autorizados, que as dão, não as vendem. Isso revela uma forma própria. Uma reportagem da revista *Época*, utilizada na compreensão da realidade na qual se constituiu o processo de beatificação de frei Galvão, por exemplo, trazia essa discussão acerca das pílulas em 1998:

Nas últimas semanas, espertalhões estocavam o remédio espiritual para comercializá-lo. O cardeal [Dom Aloísio Lorscheider] alegou que as freiras de Guaratinguetá, idosas, andam cansadas demais desde a beatificação. A decisão foi acatada no mosteiro. “Ele pediu que suspendêssemos o trabalho, mas não para sempre”, diz uma das irmãs enclausuradas. A ordem está provocando protestos entre os devotos da região. Eles agora terão de viajar em busca do papelucho milagroso. O maior fabricante dele é o Mosteiro da Luz, em São Paulo, onde o frei está enterrado. Ali, cerca de 2 mil pílulas são feitas semanalmente. A devota Dorvalina Magalhães viaja 15 horas de ônibus, de Vitória até São Paulo, para conseguir o remédio que a mãe, Doraliza, toma. “Ela não andava, tinha angina e osteoporose. Está quase curada”, diz a filha (PARE..., 1998).

A reportagem tratava de um cardeal brasileiro que proibira a distribuição das famosas pílulas em um período próximo da beatificação de frei Galvão, em 1998. Por motivos mencionados no texto – surgiram “falsários” que falsificavam as pílulas de papel e as estavam vendendo ao tempo da beatificação – o cardeal proibiu a distribuição até que esse fato cessasse.

Dessa forma, o que fica claro é que, quando se define claramente onde e quem é capaz de produzir as pílulas, se limita também sua circulação, evitando que pessoas possam dela fazer uma fonte de lucro, que, para setores da Igreja Católica e para a família e descendentes de frei Galvão, não são o objetivo que elas devem promover. Mais do que isso, limitando quem as faz – diga-se, somente as freiras do Mosteiro e outras que residem em Guaratinguetá estão aptas a fazerem as pílulas– e delimitando a distribuição, se evita que elas percam esse caráter de legitimação e de fortalecimento da figura e da memória de santo frei Galvão.

Para aqueles que insistem na pílula e não querem enfrentar as filas no Mosteiro da Luz, madre Teresa, do mosteiro de Guaratinguetá, ensina: “Faça sua própria pílula. Basta escrever a oração em um papel, enrolar e tomar”. Em tempo: a oração é “*Post partum Virgo inviolata permansisti, Dei Genitrix intercede pro nobis*” (LUNA, 1998).

A revista *Veja* trouxe a sugestão de que cada fiel fizesse sua própria pílula para tomar. Dessa maneira, seria solucionado todo problema, na época da beatificação, da distribuição das mesmas, fato que resultou em certas desavenças. Isso é consequência do fato de que a pílula não é mero objeto, mas um objeto gerador de uma tradição; sendo feita ela pelo devoto, não adquire a mesma potência, por assim dizer, que ela possa ter quando recebida no mosteiro ou em outros pontos de distribuição. E para que seja a tradicional pílula de frei Galvão, essa precisa ser confeccionada pelas pessoas autorizadas para tanto. A tradição acaba por conceder autoridade aos indivíduos, às freiras que fabricam milhares e milhares delas todos os anos.

Relevante salientar a discussão acerca da tradição e de como essa é caracterizada por uma ritualização, por uma formalização, pela repetição e pelo fato de também ser seletiva. Conforme lembra Williams (1979, p. 119).

O que temos de ver não é apenas “uma tradição”, mas uma tradição seletiva: uma versão intencionalmente seletiva de um passado modelador e de um presente pré-modelado, que se torna poderosamente operativo no processo de definição e identificação social e cultural.

Por implicar em uma prática social, há que se notar que a tradição não lembre tudo. Ela seleciona. O grupo seleciona aquilo que será lembrado e revisitado constantemente para que a tradição seja mantida e experimentada com frequência pelo grupo social ao qual ela se liga.

Dessa maneira, a ação de produção e utilização das pílulas, desde o tempo de frei Galvão, foi sendo repetida por outros, até os dias atuais. O que importa nesse caso é que houve indivíduos que continuaram fazendo as pílulas e, mais do que enrolarem minúsculos pedaços de papel com uma frase, acabaram por criar uma estrutura de relações e de sentimentos que promoveria a manutenção de uma tradição. E toda essa tradição é também envolta por essa aura de espiritualidade e religiosidade, importantes no caso da pílula: é de papel, sim, mas não é qualquer papel, é a pílula de frei Galvão, um remédio espiritual, um auxílio da fé, para superar dificuldades, para dar força e coragem aos devotos que dela se utilizam. O esforço empreendido até então foi para demonstrar o papel singular que as pílulas ocupam na história de frei Galvão, como o sentido rico de análises que elas simbolizam para o devoto. A pílula é um remédio, um bálsamo, uma alternativa para momentos de crise para muitos devotos do frei; para a história, ela é parte da construção de uma memória e de uma tradição, de um patrimônio, bem como

não deixa de ser digna de ser estudada e analisada pelo seu caráter simbólico, pela sacralidade que a envolve aos olhos dos fiéis.

Dessa maneira, é possível perceber que no estudo da cultura material não se desvenda apenas a relação das pessoas com os objetos, com o patrimônio, com coleções e relíquias. Como lembra Pesez (2005, p. 284-285):

Então, a história da cultura material está condenada a ser apenas uma “retórica da curiosidade”? Talvez, mas nem por isso se mostrará menos necessária, porque apresenta o interesse de reintroduzir o homem na história, por intermédio da vivência material.

Apesar de sucinta a fala do autor, é marcante lembrar que a cultura material, ou seja, o conjunto de objetos e prédios, experiências e pessoas que circundam a figura de frei Galvão em Guaratinguetá e no Mosteiro da Luz são uma maneira de construir e atualizar sempre a devoção que para ele dirigem os fiéis. Cada visitante do Mosteiro ou da Casa, bem como cada indivíduo que participa de uma missa de comemoração no dia dele, vive, sente e experimenta diversamente quem é o frei. E mais do que isso, o devoto de frei Galvão tem a particularidade de ter um objeto, algo palpável, visível, tangenciável, que o faz sentir a relação com o santo: as pílulas. Frei Galvão não é o único santo com um objeto assim associado: por exemplo, há o pão de santo Antonio, distribuído em geral nas missas festivas de 13 de junho.

Diferentemente do pão de Santo Antonio, a distribuição das pílulas se dá em celebrações, festividades, mas também a qualquer hora, todo o tempo, na Casa de frei Galvão, no Mosteiro da Luz e em outros locais. Apesar de não comestível, o minúsculo pedaço de papel é ingerido, trazendo consigo uma jaculatória. Mais do que rezar, com a pílula se ingere a oração, a fala, o pedido, se ingere fé e devoção. E, como já dito, a fama das pílulas somente reforça a fama de santidade do frei, tornando-o mais conhecido do público católico. Em 25 de outubro de 2008, em uma celebração festiva do dia do frei, em Marília/SP, centenas de pessoas lotavam a igreja de Nossa Senhora de Fátima. Havia uma cesta enorme com centenas de novenas, todas elas com pílulas. As pessoas acorriam à missa e às pílulas para solucionar problemas, para curar males e recuperar a saúde, para alcançar outras graças; e há também os que foram para agradecer algo já recebido.

A questão relevante é perceber na cultura material, nos objetos, nas construções, o que eles podem dizer historicamente. Tais fontes da cultura material apontam a formação de um patrimônio que referenda uma prática religiosa. A cultura

material reforça crenças, comportamentos, constrói e propaga a memória de um ser humano tornado santo por uma religião.

A análise da cultura material caminha no sentido de demonstrar que o santo é uma construção dos vivos. Não é a Igreja Católica e sua hierarquia, nem os objetos exclusivamente que fazem de frei Galvão santo. Os devotos e todos que estão diretamente envolvidos com a causa dele constroem esse homem como tal, como modelo, como representante de uma fé.

Para a História, frei Galvão não se tornou santo, partindo do pressuposto de seus milagres e obras, por determinação papal. Ele é santo perante um grupo de homens e mulheres que, independente de uma determinação canônica, o veem dessa maneira. Os atores sociais que ajudaram a fazer dele santo (imprensa, igreja, família, religiosos) colaboraram para fortalecer e espalhar sua fama de santidade, promovem ações que realimentam memórias de frei Galvão. Mas tudo isso – as memórias, o patrimônio, os lugares de memória, os relatos, os milagres – só adquirem sentido e vida quando eles têm a quem se dirigir. Há um público que alimenta sua fé com base nesse patrimônio ligado ao frei. A fé dos devotos, como objeto de estudo histórico, mostrou que um santo se baseia em uma construção social, da qual participam uma série de grupos e elementos, que no exercício diário da fé, agem intencionalmente para juntos difundirem a figura de frei Galvão como homem santo, caridoso e milagreiro. Também as pílulas de frei Galvão se propõem a documentar a existência do frei. Dentro de uma perspectiva histórica, as pílulas funcionam como documento-monumento (LE GOFF, 1996): caracterizam-se assim pelo fato de que naturalizam a santidade do frei, validam essa imagem em torno dele, bem como são um elemento de identidade e de manutenção da memória do frei. As pílulas, por conseguinte, quando apropriadas como elemento documental, acabam por reforçar uma memória de santidade e de devoção ao santo: quanto mais os relatos de curas e milagres relativos ao usos das pílulas são propagados e conhecidos, mais forte torna-se a fama de santidade dele, e as pílulas são o principal artefato que concretiza essa relação.

Por fim, tem-se que essas pílulas concretizam essa memória, remetendo à existência de frei Galvão. Nesse sentido elas podem ser encaradas como cristalizações que estabilizam essa relação de santidade: diante do universo que abarca a história material, as memórias e os contextos e lugares relacionados ao santo, as pílulas auxiliam, cristalizando a ideia de que Antonio Galvão de França fora, realmente, alguém especial, santo e dotado, por Deus, de dons divinos, de cura e de benevolência.

Referencias Bibliográficas.

BACK, Paulo. História e vida de frei Galvão o primeiro santo do Brasil. São Paulo: Ed. do Autor, 2007.

CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM. Canonização do servo de Deus Frei Antonio de Sant'Anna Galvão: fundador mosteiro das irmãs concepcionistas (Recolhimento N. Sra. da Luz). Posição sobre vida, virtudes e fama de santidade. Biografia documentada. Roma/Itália; São Paulo: [s.n.], 1993. v. II.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

JOÃO PAULO II. Discurso do Papa João Paulo II aos peregrinos vindos à Roma para a beatificação. Roma/Itália, 26 out. 1998. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1998/october/documents/hf_jp-ii_spe_19981026_beatif_po.html>. Acesso em: 7 maio 2008.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

LUNA, Fernando. Contra-indicação: Dom Aloísio Lorscheider surpreende o rebanho católico ao proibir as pílulas de frei Galvão. Veja, São Paulo, 25 nov. 1998. Disponível em: http://veja.abril.com.br/251198/p_140.html Acesso em: 10 mar. 2008.

MAIA, Thereza R. de Camargo. Frei Galvão: sua terra e sua vida. Aparecida: Santuário, 2007.

MAGALHÃES, Solange Maria F. Educação patrimonial através compreensão da arquitetura de museus na cidade de São Paulo. 2006. (Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2006.

PARE de tomar a pílula. Época, São Paulo, 23 nov. 1998. Disponível em: <http://epoca.globo.com/edic/19981123/socied2.htm> Acesso em: 13 jun. 2008.

PESEZ, Jean-Marie. História da cultura material. In: LE GOFF, Jacques (Org.). A história nova. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 237-285.

SANTOS, Armando A. dos. Frei Galvão: o primeiro santo brasileiro. São Paulo: Petrus, 2007.

WILLIAMS, Raimond. Marxismo e literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.